

1.

O corpo da mulher rola para dentro de casa como um embrulho, as roupas encardidas pela humidade. O cabelo está de tal modo entrelaçado que nem a água quente o conseguirá desembaraçar com a lavagem. Estende-se no chão da sala, exausta. O primeiro movimento que faz é mostrar as cicatrizes dos braços e apontar para alguns sinais junto do umbigo. A carpete fica molhada ao contacto com a roupa, desenhando uma pequena silhueta, uma mancha que há-de ficar para sempre gravada naquele espaço do chão. Mateus está de pé junto a ela, descalço, incapaz de dizer ou fazer o que quer que seja. Sente o calor subir-lhe pelas pernas e as mãos trémulas. Deixa a porta aberta. Das escadas vêm uns grunhidos, alguém grita para que acendam a luz, alguém apanhado na escuridão entre dois andares. Um dos vizinhos abre a porta e pergunta se querem que ele desça com uma pilha. Quem grita é a mesma mulher que ali passa diariamente cheia de sacos de plástico e que agora ameaça deitar fogo ao prédio.

— Estou presa, diz a mulher.

Mateus fecha a porta com a rapidez de quem tem algo para esconder. Não quer que alguém veja que uma estranha acabou de entrar em sua casa. Há cinco anos que vive sozinho,

sem nada que os vizinhos lhe possam apontar. Não faz barulho à noite, não recebe mulheres, nem sequer festeja aniversários. Já não tem amigos. Os dois últimos morreram num acidente de automóvel a caminho de Espanha. Fica à escuta. Pelo óculo verifica que ninguém passa naquele momento. Os elevadores estão parados. O prédio caiu no silêncio.

— Era uma vizinha, diz ele.

A rapariga olha para o tecto, para a luz, fixa-se nos desenhos do balão chinês. Depois foge com os olhos na direcção da janela da sala. Ele continua assustado, ainda não refeito do que aconteceu. Ela esconde os braços e a barriga com o casaco roto que trouxe dentro de um saco de pano. Começa a tossir, há cigarros que se espalham pelas tábuas do chão. O homem apanha-os, as suas mãos estão tão tensas que os esmagam entre os dedos. A rapariga enrosca-se, um líquido castanho desce-lhe pela boca. Procura disfarçar afastando o rosto, mas ele puxa de um lenço e entrega-lho. Ela limpa-se e respira fundo.

Como uma criança, pensa Mateus.

E esse pensamento é suficiente para que o seu corpo se distenda como se tivesse diante de si uma adolescente, alguém que viesse à sua procura para que ele a protegesse.

Uma mulher nova, envelhecida pelo ar da rua.

Ele senta-se. Não consegue desviar os olhos dos cabelos dela, do seu rosto, de algo em que só agora repara, uma luminosidade que não vem das lâmpadas, nem do luar que entra pelas janelas, qualquer coisa estrangeira, uma imagem para a qual não consegue encontrar um lugar. Há nela uma forma que altera as dimensões da casa. A sala parece muito

maior e com outro recheio como se uma alga se tivesse desenvolvido sem ele dar por isso e enchesse as paredes de coisas novas. Como se a cidade se tivesse juntado toda para colocar ali dentro os desperdícios de um dia. Escondê-los ali. Não só o corpo daquela rapariga, mas tudo o que tinha vindo com ele e entrara para dentro de casa de supetão, mesmo as pétalas que ela estava a tirar do bolso do casaco, significava uma mudança, além do medo, uma alteração na vida do prédio e no mundo.

— Temos que arranjar-te roupa.

Na casa não havia uma única peça de roupa de mulher, nem sequer uma blusa esquecida. Vai buscar um roupão e uma toalha e indica-lhe a casa de banho. Diz-lhe que poderá dormir num dos quartos. A rapariga faz um gesto com as mãos, mas ele não percebe o que ela quer. Ao levantar o edredão que tapa a cama, vê restos de comida podre na ponta dos lençóis e duas baratas mortas. Há muitos meses que não dorme ali ninguém.

Depois do banho, prepara-lhe um pedaço de carne frita e descasca-lhe fruta. A rapariga come com gosto e deixa-se cair para o lado, esgotada. Mateus pensa chamar a ambulância ou a polícia. Mas compreende que não pode correr riscos. Se ela acabasse por morrer poderiam acusá-lo de homicídio. E como iria justificar a presença dela dentro da sua casa? Arrasta-a para a cama, toma-lhe o pulso. Sente-lhe a respiração lenta mas segura. Deita-a na cama, despe-lhe o roupão. O corpo dela encolhe-se para o centro dos lençóis. Tem as costas marcadas por cicatrizes, por feridas antigas, arroxeadas. As nódoas negras nos braços são mais visíveis após o banho.

Mateus encosta a porta do quarto. Durante a noite vai espreitá-la diversas vezes. Ela dormiu ainda todo o dia seguinte. Ele não descansou ao longo dessas horas, queria estar presente quando ela acordasse. Queria vê-la quando ela se es-

preguiçasse e pegasse no roupão para tapar o corpo nu. Mas a rapariga aparece subitamente na sala. O roupão que ela veste é comprido de mais, arrasta pelo chão. Mateus suspeita que está desmemoriada. Desde que entrou na casa ainda não proferiu uma palavra sequer, nem um obrigada, nem boa noite ou bom dia. Quando ela se senta a aguardar a comida com os olhos fixos na tigela, ele receia que o seu estado seja mais grave. Pelo modo como rodeia a louça com os dedos, como deita o açúcar e limpa a boca ao guardanapo, dá indícios de uma grande perturbação. Abre, em vão, a boca para falar. As palavras estão-lhe na garganta, mas não saem. É como se ela não soubesse pronunciá-las.

Pode ter levado uma pancada num dos lados da cabeça, pensa Mateus.

— Temos que dar-te um nome.

A rapariga abre o frigorífico, tira um iogurte, torra pão, descasca uma maçã. Faz todos os gestos em silêncio como se os seus movimentos pertencessem a um lugar que ele não identifica.

Mateus senta-se. O mal que a rapariga transporta dentro de si continua um enigma assustador. Ela deixou a porta do frigorífico aberta, como se se esquecesse de completar os gestos. Tinha comido metade do iogurte, metade de cada torrada que fizera, bebera metade do leite. Ele repara agora que ela se senta só no extremo da cadeira. Talvez apenas uma parte do seu cérebro funcionasse, precisamente a parte oposta à linguagem, a parte vazia onde não habitam as palavras. Mateus fica a olhá-la, a vê-la colocar a loiça no balcão.

Ponho-a na rua outra vez ou nas escadas à porta de um dos vizinhos, alguém a há-de recolher.

Mateus tem um dia inteiro pela frente, sem compromissos, sem qualquer objectivo. Um novo dia. Nessa manhã, a cidade acordara com um desastre de comboios. Houve um grande alvoroço no prédio desde madrugada porque alguém ficara preso no elevador. Ouviu gritos mas não se levantou. Pareceu-lhe que vinham da rua, de alguém que chamava pelo autocarro ou talvez de uma discussão entre vizinhos. Levantara-se devagar, preparara o pequeno-almoço. A rádio noticiava que doze pessoas haviam morrido num choque entre comboios. Mais de uma centena de pessoas fora enviada para os hospitais.

Tudo aquilo lhe pareceu normal, um dia muito igual aos outros, com mortos, feridos, roubos e presos, sem chuva, com o sol a rebentar. Mas o facto de uma mulher se ter instalado em sua casa, após uma tentativa de suicídio com um garfo, deixara-o num desconforto inusual, numa ansiedade que há muito não sentia.

Será a mesma mulher de ontem?

Uma rapariga tentara matar-se à porta da farmácia na rua onde ele vive. Pegou num enorme garfo e enterrou-o no peito. Parecia um truque para extorquir dinheiro. Mas para Mateus o que se teria passado foi uma tragédia, a mulher a enroscar-se no chão e a farmacêutica a tentar arrancar-lhe o garfo enquanto a assistente procurava estancar o sangue com um penso.

— Dêem espaço, dêem espaço, gritava a farmacêutica.

Mateus interpretara aquele acto como um prenúncio de qualquer coisa de maligno que estaria para lhe acontecer. E agora ali em casa, a rapariga, a mesma que na véspera se entregara à morte. Por isso, quer sair mas não a pode levar. Que explicações daria aos vizinhos. Como enfrentaria os olhares